

Martha Argerich Dong Hyek Lim



GULBENKIAN
MÚSICA

15 abr 24

15 abr 24 SEGUNDA 20:00

GRANDE AUDITÓRIO

Martha Argerich Piano
Dong Hyek Lim Piano

Franz Schubert

Fantasia em Fá menor,
para piano a quatro mãos, D. 940

c. 19 min.

Sergei Rachmaninov

Suite n.º 2, para dois pianos, op. 17

c. 23 min.

1. Introdução: *Alla marcia*
2. Valsa: *Presto*
3. Romance: *Andantino*
4. *Tarantella: Presto*

INTERVALO

Sergei Rachmaninov

Danças Sinfónicas, para dois pianos, op. 45

c. 34 min.

1. *Non allegro*
2. *Andante con moto. Tempo di valse*
3. *Lento assai – Allegro vivace*

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 45 min.
INTERVALO DE 20 MIN.

Franz Schubert

(Viena, 1797 – Viena, 1828)

Fantasia em Fá menor, para piano a quatro mãos, D. 940

COMPOSIÇÃO 1828

DURAÇÃO c. 19 min.

Franz Schubert teve uma vida curta, mas suficiente para produzir uma obra extensa, deixando para a posteridade contributos importantes em todos os géneros sobre os quais se debruçou. É certo que se destaca sobretudo a sua produção no domínio do *Lied* germânico, mas deve igualmente ser referida a sua obra para piano, a qual, apesar de em geral apresentar uma dificuldade técnica moderada, não deixa de oferecer também um desafio interessante em termos interpretativos. Negligenciado durante muito tempo, este largo *corpus* abarca todo o seu fecundo percurso criativo, sendo hoje em dia considerado como uma parte fundamental do repertório do instrumento.

A Fantasia em Fá menor, para piano a quatro mãos, D. 940 (*op. post.* 103), foi composta em 1828 e publicada postumamente no ano seguinte, por Anton Diabelli, com dedicatória para a sua aluna Karoline Esterházy. Estruturalmente, a obra segue um esquema idêntico ao da sua anterior Fantasia *Wanderer*, D. 760, de 1822, sendo constituída por quatro grandes secções, que correspondem aos andamentos típicos da forma sonata, mas executadas em contínuo e recorrendo ao princípio de reutilização cíclica do material temático apresentado no início.

As obras são bem distintas, contudo, quanto à sua atmosfera expressiva: ao contrário da retórica enfática da *Wanderer*, aqui Schubert explora um universo muito mais reflexivo e melancólico.

O primeiro andamento, *Allegro molto moderato*, contrapõe um primeiro tema lamentoso a um outro mais severo e sombrio, sendo ambos tratados nos modos maior e menor. Este contraste entre luz e sombra, tão típico de Schubert, prolonga-se por toda a obra, contribuindo para a sua ambiguidade expressiva. No fim, o segundo tema surge em Fá maior e modula para Fá sustenido menor, dando início ao *Largo*. Aqui, os gestos turbulentos do começo, como num dramático monólogo operático, acabam por conduzir a uma ideia contrastante, mais calma, de um lirismo italiano. Segue-se o *Scherzo: Allegro vivace*, ainda em Fá sustenido menor, uma dança brilhante que contém um delicado *Trio* central, em Ré maior. Por fim, o *Finale: Allegro molto moderato*, de novo em Fá menor, recorda o tema inicial e fá-lo contrastar com uma ideia imponente, antes de um desenvolvimento que irrompe à maneira de uma fuga. Os compassos finais resolvem a dicotomia entre os temas principais da fantasia.

Sergei Rachmaninov

(Semyonovo, 1873 – Beverly Hills, 1943)

Suite n.º 2, para dois pianos, op. 17

—

COMPOSIÇÃO 1901

DURAÇÃO c. 23 min.

Sergei Rachmaninov foi o último grande representante do Romantismo tardio russo, autor de uma obra vasta e marcada desde cedo por um idioma bastante pessoal. O seu estilo distingue-se particularmente pela intensidade expressiva do melodismo, bem como pela sumptuosidade harmónica. A sua produção forneceu um contributo notável para o repertório do piano, dada a exploração das capacidades técnicas e expressivas do instrumento. Em 1897, a estreia fracassada da sua Sinfonia n.º 1, op. 13, dirigida por Glazunov, havia lançado o compositor numa profunda depressão, um período de três anos praticamente estéril ao nível da composição. Após a terapia a que se sujeitou, em 1900, com o psicólogo Nicolai Dahl, surgiu o Concerto para Piano e Orquestra n.º 2, em Dó menor, op. 18, concluído em abril de 1901, trabalho do qual resultou também material que elaboraria numa nova obra para dois pianos.

Terminada em abril de 1901, a Suite n.º 2, para dois pianos, op. 17, seria publicada em outubro do mesmo ano e estreada em público em novembro, na Sociedade Filarmónica de Moscovo, em duo com o seu primo Alexander Siloti. Trata-se de uma obra confiante e ousada que marcava

um avanço notável sobre a Suite n.º 1, op. 5, com a sua escrita mais intrincada, e que seria bastante bem sucedida, tal como o Concerto para Piano n.º 2 e a Sonata para violoncelo e piano, op. 19, catapultando a carreira do jovem compositor de 28 anos na cena internacional.

A Suite abre com uma Introdução, *Alla marcia*, em Dó maior, uma marcha robusta, animada e viril, plena de harmonias ricas e de momentos de partilha motívica entre os instrumentos, que se dissolve depois de alcançar um grande ponto culminante. Segue-se uma Valsa, *Presto*, em Sol maior, uma dança delicada e cintilante que se aproxima do espírito do *scherzo* mendelssohniano. O tema do *Trio* central contrastante é remanescente da melodia do *Dies irae* (que ressurgue, aliás, em várias outras obras suas), resultando aqui numa das suas grandes melodias características. Em seguida, o Romance, *Andantino*, em Lá bemol maior, predominantemente introspetivo, é elaborado em torno de mais uma das suas melodias arrebatadoras, de uma intensidade lírica quase operática. Por fim, a *Tarantella*, *Presto*, em Dó menor, baseia-se numa canção folclórica italiana que o compositor terá ouvido durante

uma viagem a Itália no verão de 1900. Nesta dança rápida, rodopiante e enlouquecida – que, segundo a tradição, visava curar a mordedura de uma tarântula –, o compositor mostra-se no seu melhor, dirigindo-se para uma conclusão deslumbrante que requer a ambos os intérpretes um virtuosismo extraordinário.

Danças Sinfónicas, para dois pianos, op. 45

—

COMPOSIÇÃO 1940
DURAÇÃO c. 34 min.

As Danças Sinfónicas, op. 45, foram a última composição de Rachmaninov, concluída em 1940. Trata-se de uma suite orquestral em três andamentos, uma obra representativa do seu último período estilístico, marcado sobretudo pelo tratamento harmónico, pela grande vitalidade rítmica, pela exuberância melódica e ainda pelo destaque dado às cores instrumentais. Em paralelo com a versão orquestral, o compositor trabalhou num arranjo para dois pianos, estreado numa festa privada em Beverly Hills, em 1942, na companhia de Vladimir Horowitz.

A primeira dança abre com um motivo vibrante de três notas, que depois se reflete em diferentes instrumentos. Inicialmente calmo, este motivo terá posteriormente influência no dinamismo rítmico que caracteriza este andamento. Numa secção

central lenta surge uma melodia expansiva e calorosa. Regressa o material do início e o compositor encerra esta primeira dança com uma citação da sua 1.^a Sinfonia (1897).

A segunda dança, de carácter fantasmagórico, pretende simbolizar os anos que antecederam a Revolução Russa, num ambiente reminescente do seu Concerto para Piano n.º 3 (1935), bem como de *La Valse* de Ravel (1920). Inicia-se num ritmo de valsa lenta e num ambiente deprimido e amargurado. Após um momento em que a música se torna mais hesitante e incerta, retorna o tema de valsa, agora mais ansioso e impaciente. O andamento atinge um ponto culminante e conclui de forma desalentada.

A última dança representa um confronto entre as ideias de Morte e de Ressurreição. Inicia-se de modo pausado e tranquilo, mas com o surgimento do tema do *Dies irae* o tempo acelera e a música afasta-se de um ambiente fúnebre. Depois de se atingir um ponto culminante, há uma suspensão num estado etéreo. As texturas tornam-se então mais densas, até que o tema do *Dies irae* regressa majestoso, conduzindo a um novo ponto culminante. No entanto, o compositor rejeita um final pessimista e ameaçador, citando o tema do nono andamento das suas *Vésperas*, op. 37, o qual é referente ao episódio da ressurreição de Cristo.

NOTAS DE LUÍS M. SANTOS

Martha Argerich

Martha Argerich nasceu em Buenos Aires, na Argentina. Começou a estudar piano aos cinco anos de idade com Vincenzo Scaramuzza. Em 1955 viajou para a Europa, tendo prosseguido os seus estudos em Londres, em Viena e na Suíça. Foi aluna de Bruno Seidlhofer, Friedrich Gulda, Nikita Magaloff, Madeleine Lipatti e Stefan Askenase. Em 1957 venceu o Concurso Internacional de Genebra e o Concurso Internacional Ferruccio Busoni, em Bolzano. Em 1965 atraiu definitivamente a atenção internacional ao vencer o Concurso Chopin de Varsóvia. Desde então, tem sido considerada uma das pianistas mais proeminentes do mundo. Especialmente apreciada pelo grande nível interpretativo do repertório virtuosístico dos séculos XIX e XX, a pianista alargou sucessivamente o âmbito dos seus programas e gravações, dominando um vasto repertório que se estende de J. S. Bach a Messiaen. É uma convidada regular das mais prestigiadas salas de concertos e festivais de música em todo o mundo, nomeadamente em colaboração com orquestras e maestros de renome internacional. Dedicando um espaço importante da sua atividade à música de câmara, atua em parceria com outros artistas de grande craveira artística como os pianistas Alexandre Rabinovitch, Daniel Barenboim

e Nelson Freire, o violoncelista Mischa Maisky ou o violinista Gidon Kremer.

Martha Argerich realizou inúmeras gravações para as editoras EMI, Sony, Teldec e Deutsche Grammophon, muitas delas merecedoras dos principais prémios internacionais, incluindo *Gramophone*, “*Choc*” do *Le Monde de la Musique*, *Deutscher Schallplatten Kritik*, *BBC Music Magazine* e *Grammy*.

Desde 1998, é a Diretora Artística do Festival de Beppu, no Japão, ajudando a impulsionar artisticamente os jovens músicos. Em 1999 fundou o Concurso Internacional de Piano e Festival Martha Argerich de Buenos Aires. Em 2002 fundou o *Progetto Martha Argerich*, em Lugano. Em 2018 lançou o Festival Martha Argerich, em Hamburgo.

Ao longo da sua carreira, foram-lhe atribuídas prestigiosas distinções: *Officier de l'Ordre des Arts et des Lettres* (1996), *Commandeur de l'Ordre des Arts et des Lettres* (2004) e *Commandeur de la Légion d'Honneur* (2023) pelo Governo Francês; *Accademica di Santa Cecilia* (Roma, 1997); *Ordem do Sol Nascente*, pelo Imperador do Japão, e *Praemium Imperiale*, pela Japan Art Association (2005); *Kennedy Center Honors*, pelo Presidente Barack Obama, em 2016; e *Commendatore dell'Ordine al Merito della Repubblica Italiana*, pelo Presidente Sergio Mattarella, em 2018.

Dong Hyek Lim

Dong Hyek Lim nasceu em Seul em 1984 e iniciou a sua formação musical no Conservatório Nacional Coreano. Aos dez anos mudou-se para a Rússia como o aluno mais jovem a frequentar o Conservatório de Moscovo, onde teve como professor Lev Naumov (aluno do lendário Heinrich Neuhaus). Mais tarde, mudou-se para a Alemanha para estudar com Arie Vardi na Hochschule für Musik de Hanôver. Em 2001, com apenas 15 anos, tornou-se o mais jovem vencedor do *Grand Prix* no Concurso Long-Thibaud-Crespin. Foi também premiado no Concurso Busoni (2000), no Concurso Internacional de Piano Hamamatsu (2001), no Concurso Rainha Elisabeth (2003), no Concurso Internacional Chopin (2005) e no Concurso Internacional Tchaikovsky (2007). Estudou posteriormente com Emmanuel Ax na Juilliard School de Nova Iorque.

Dong Hyek Lim já se apresentou em muitas das grandes salas de concertos do mundo, incluindo o Lincoln Center de Nova Iorque, o Walt Disney Hall de Los Angeles, o Wigmore Hall de Londres, a Salle Pleyel e o Théâtre des Champs-Élysées de Paris, o Konzerthaus de Berlim, o Palais des Beaux-Arts de Bruxelas, o Tonhalle de Zurique, o Conservatório de Moscovo, o Palácio Łazienki de Varsóvia, o Auditório Mann de Telavive e, no Japão, o Suntory Hall e o Auditório da Filarmónica de Osaka. Apresentou-se também no Festival de Verbier, no Festival Chopin, no Festival de Piano do Ruhr, no Festival La Roque d'Anthéron, no Festival Radio France (Montpellier), no festival *Piano aux Jacobins* (Toulouse) e nos festivais de Martha Argerich em Lugano (Suíça) e Beppu (Japão).

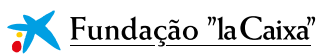
**Se não puder
vir a um concerto,
ofereça o seu bilhete.**

**90% dos lugares vazios
no Grande Auditório
correspondem a
bilhetes comprados.**



GULBENKIAN.PT

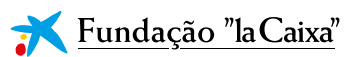
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

